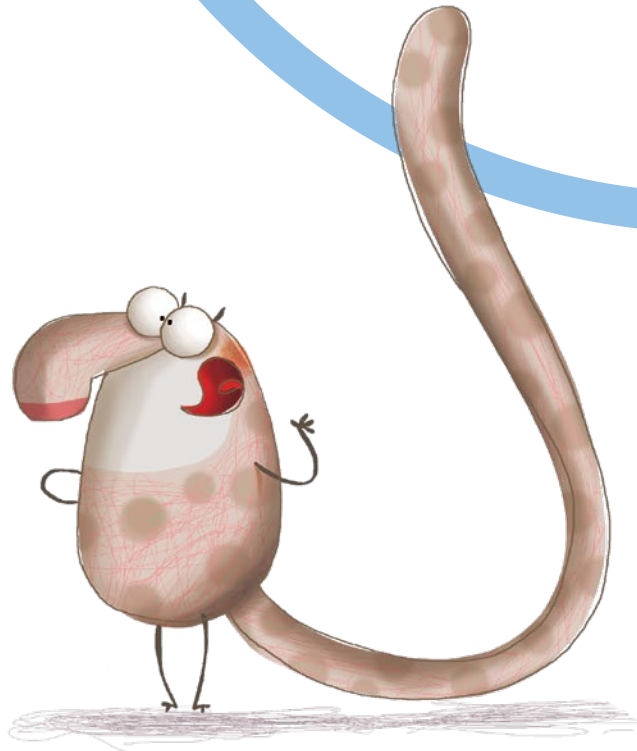


# PAI, QUEM INVENTOU?

Ilan Brenman



## Resenha

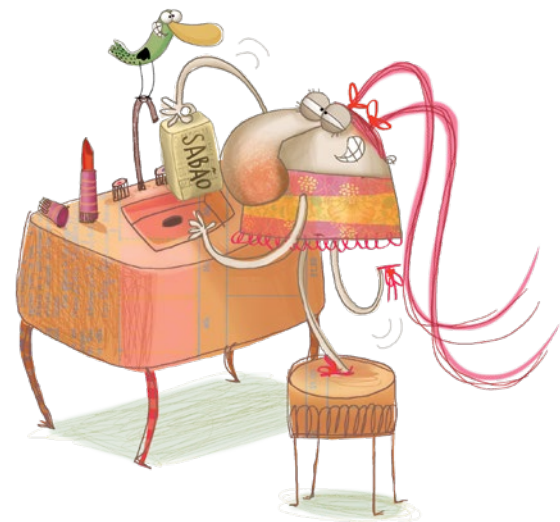
“Pai, quem inventou o papel?” é a primeira de uma série de perguntas feitas pela filha do narrador, *alter ego* do autor Ilan Brenman. A vontade de entender o que está por trás de cada coisa com que se depara motiva-a a indagar o pai, que precisa se desdobrar para encontrar as respostas. Quem inventou as letras do alfabeto? Quem inventou o *rock*? E como surgiu o Sol? Revelar que o Sol nasceu de uma explosão bilhões de anos atrás pode ser mais fácil do que desvendar quem criou a alegria ou a tristeza. Como entender a estranheza de uma humanidade que cria a guerra, mas também a carícia?

*Pai, quem inventou?* é um livro criado a partir de diálogos reais com uma criança e isso fica evidente durante a leitura: é possível reconhecer o frescor inquisitivo do olhar infantil nas perguntas que intuem que o mundo ao seu redor nem sempre foi aquilo que é. O título do livro serve de mote e estrutura para perguntas que se sucedem uma após a outra. Na busca de satisfazer a curiosidade de sua filha pequena, o próprio Brenman revela que “criava



Coordenação:  
Maria José Nóbrega

algumas respostas e pesquisava outras”. No decorrer da obra, é possível reconhecer uma alternância entre respostas que traduzem conteúdos históricos, arqueológicos, científicos e outras respostas menos diretas, mais poéticas e reflexivas. De pergunta em pergunta, nos damos conta de que a ciência não pode responder a todas as nossas indagações: levando a sério as perguntas das crianças, acabamos por nos deparar com questões de fundo ético, filosófico e até metafísico.



## Depoimento

De Pedro Felício,  
ator, músico e pai

Brenman e Cantone já passaram por nossa casa. Brenman inúmeras vezes, Cantone uma. Meus filhos, portanto, conhecem o autor e a ilustradora deste livro, de forma que a aproximação se deu rapidamente. Com o tempo, minhas crianças estão aprendendo a reconhecer tanto ilustradores quanto autores, identificando-se mais com um ou com outro, interessando-se por alguns, alimentando relações mais íntimas com cada um deles.

Isso é muito rico se quisermos ajudar na formação de cidadãos leitores, de crianças que tenham, na leitura, uma ferramenta continuada e prazerosa de autoformação.

*Pai, quem inventou?* é uma grande anedota, uma história pequena que poderia muito bem ter acontecido aqui em casa. Algumas obras do autor têm essa mesma característica de pequenos “causos” domésticos transformados em narrativas; historietas que não chegam a compor um todo com começo, meio e fim, mas, antes, apresentam um relato de situação curiosa ou espantosa, ainda que cotidiana.

Então, o jogo de perguntas e respostas entre o autor e sua filha se desdobra dentro do dia a dia da família, numa brincadeira regada pela curiosidade

da qual nos fala Brenman em seu pequeno texto ao fim da obra.

Mas, o primeiro marco dessa leitura aqui em casa foi o tal livro italiano gigante que a menina lê na sexta página do volume. “Acho que é um dicionário”, disse meu filho mais velho. “Ou uma enciclopédia”, declarou, ele que está conhecendo mais a fundo essas obras de referência.

Uma das coisas mais curiosas sobre a primeira leitura que fizemos foi que, quase todas as vezes em que aparece uma das perguntas de “quem inventou?”, meu filho e minha filha me olhavam para saber se a resposta estava correta ou não. Claro que isso gerou uma identificação minha com a história do Ilan, o que me deu um certo orgulho, mas também me colocou na posição de repensar o fato quase inexorável de as crianças acreditarem que nós – pais e mães – sabemos todas as respostas.

Percebi essa posição nova, essa necessidade de questionar as verdades que eu mesmo sei: passei a não confirmar nem questionar as respostas do pai para a menina. Ao contrário, propus que descobríssemos, nós mesmos, as respostas.

“Não sei quem inventou a injeção”, respondi a certa altura. “Vê no computador”, recomendou-me a pequena, que ainda não sabe exatamente o que é a internet, mas acredita que dentro do meu computador estão todas as respostas do mundo.

Meu filho, de 10 anos, lembrou que também não sabia quem tinha inventado a injeção, mas que no

“filme da Dilili\* aparece um homem que inventava a vacina... como ele se chamava?”. Não assisti a esse filme com eles, mas arrisquei que seria Pasteur; ele aclamou: “Isso! Ele inventou a vacina nesse filme!”. Pesquisando, descobrimos que a invenção da vacina é, na verdade, creditada a Edward Jenner, mas que Louis Pasteur inventou, de fato, a vacina contra a raiva, a hidrofobia, e é sobre isso sua participação no longa de animação de Michel Ocelot.

Acredito que seja sobre esse tipo de curiosidade, este livro: a curiosidade que faz a cabeça juntar informações e construir conhecimento, ou seja, construir sentido para a enxurrada de conteúdos que é esse mundo em que vivemos.



## Um pouco sobre o autor

**Ilan Brenman** tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais

de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: [www.bibliotecailanbrenman.com.br](http://www.bibliotecailanbrenman.com.br).



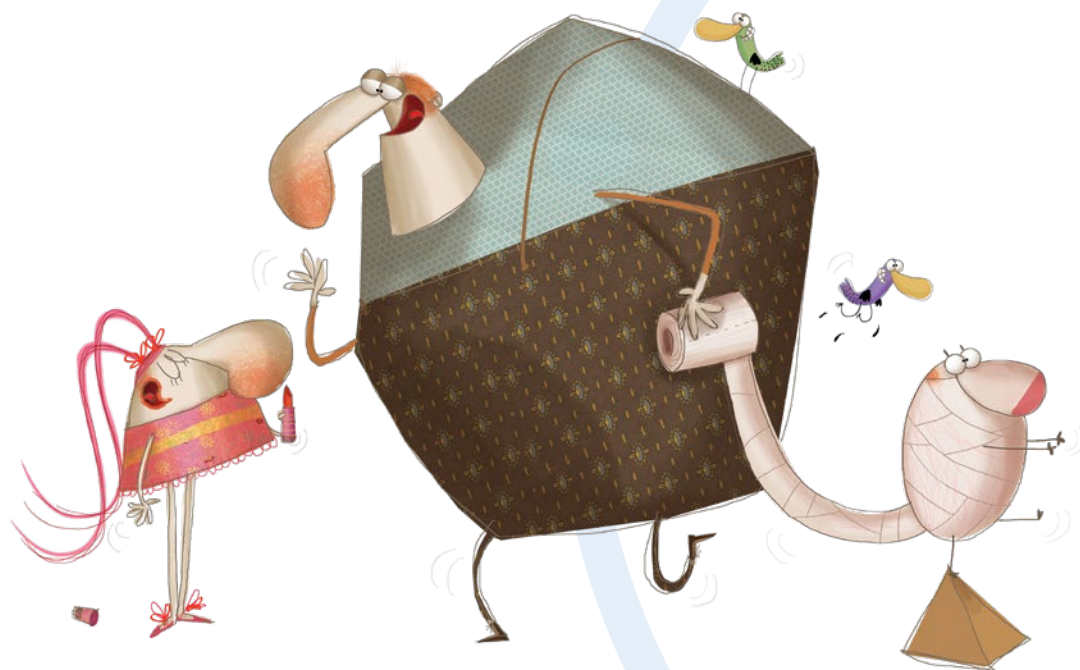
## Leia Mais...

### Do mesmo autor e série

- ✘ *A vida de Fernanda*. São Paulo: Moderna.
- ✘ *A menina que amava futebol*. São Paulo: Moderna.
- ✘ *A cicatriz*. São Paulo: Moderna.
- ✘ *O estranho dia de Luísa*. São Paulo: Moderna.
- ✘ *Quero nascer de novo*. São Paulo: Moderna.

### Do mesmo gênero ou assunto

- ✘ *Drufts*, de Eva Furnari. São Paulo: Moderna.
- ✘ *A família do Marcelo*, de Ruth Rocha. São Paulo: Salamandra.
- ✘ *Olavo*, de Odilon Moraes. São Paulo: Jujuba.
- ✘ *Pequenas histórias para grandes curiosos*, de Marie-Louise Gay. São Paulo: Brinque-Book.
- ✘ *Carlos viaja*, de China. Rio de Janeiro: Jubarte.



\* Dilili em Paris, de Michel Ocelot, (França, Bélgica e Alemanha), 2019.